

LONDRES 7/7

Celulares iniciam era da notícia instantânea

Vídeos gravados por vítimas e testemunhas são imagens mais marcantes dos atentados à capital britânica

Editoria de Arte

Yuki Noguchi

Do Washington Post

WASHINGTON. Algumas das imagens mais próximas das explosões em Londres foram feitas por telefones celulares equipados com câmeras fotográficas e de vídeo, o que demonstra como a tecnologia originalmente anunciada como de entretenimento veio a ter um papel significativo nas notícias de última hora.

A disponibilidade de câmeras, somadas à capacidade de transmitir imagens rapidamente está possibilitando assistir a notícias de forma quase simultânea às das vítimas e testemunhas.

Uma imagem mal iluminada foi captada por um telefone de um passageiro preso no metrô com dezenas de pessoas depois de uma explosão. A porta do vagão, parado num túnel em King's Cross, está entreaberta para permitir a entrada de ar, pois o trem estava enfumado. Em questão de horas, a imagem já estava em TVs e páginas na internet.

Outras testemunhas enviaram fotos do ônibus de dois andares que fora destruído. Outro blogueiro colocou na internet uma foto dos londrinos caminhando pesadamente pa-

ra casa com a manchete: "Londres sob caos esta noite."

A história é repleta de jornalistas acidentais com aparelhos portáteis, desde Abraham Zapruder, que filmou o assassinato do presidente Kennedy, ao vídeo de Rodney King sendo espancado por policiais de Los Angeles, e fotos incriminadoras tiradas na prisão de Abu Ghraib.

BBC e CNN pedem imagens feitas por vítimas

Com telefones mais sofisticados e redes de alta velocidade surgindo, empresas começaram recentemente a oferecer câmeras de vídeo nos celulares, que podem quase instantaneamente transmitir imagens em movimento por e-mail. Dezenas de blogs pessoais e veículos de imprensa, inclusive BBC, CNN e o jornal inglês "The Sun", solicitaram fotos e vídeos de testemunhas da carnificina.

Há, claro, um lado ruim em contar com imagens de repórteres amadores. As empresas não podem verificar a origem ou a veracidade de uma imagem enviada às pressas. ■

NO GLOBO ONLINE:

Fotogaleria: Destruição na Linha 30
www.oglobo.com.br/mundo



A FOTO tirada de um celular mostra passageiros deixando o metrô

A repercussão na imprensa

Causa e consequência

Ali Kamel

Há um padrão no pensamento de esquerda: colocar a causa no lugar da consequência, e, assim, confundir a opinião pública. O artigo de ontem de Robert Fisk é um exemplo disso. Fisk escreveu: "Era claro como água que a Grã-Bretanha seria um alvo desde que Tony Blair decidiu se juntar à 'guerra ao terror' de George W. Bush e à invasão ao Iraque". E acrescentou: "Quando eles morrem é 'dano colateral', quando nós morremos é 'terrorismo bárbaro'".

É uma visão torta. Os atentados de Londres não são consequência da Guerra do Iraque; a guerra do Iraque é que é consequência dos atentados da al-Qaeda: o 11 de Setembro, em que morreram cerca de três mil inocentes, os atentados contra as embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia em 1998, com 224 civis mortos, e o primeiro atentado ao WTC em 1993, com sete mortos.

Não, estas não foram ações voltadas "apenas" contra os americanos.

Em 1998, Bin Laden emitiu uma fatwa, um decreto religioso em que diz: "Matar americanos e seus aliados — civis e militares — é uma obrigação individual para todo muçulmano que possa fazê-lo em qualquer parte do mundo". O inimigo, portanto, já não era apenas a América, mas todos nós. Porque impor ao mundo inteiro o que ele considera ser o Islã é o objetivo da al-Qaeda. A fatwa deixa claro este propósito: "E isso está de acordo com as palavras de Deus: 'Combatei



UMA MULHER passa diante de um cartaz em Roma: "Somos todos londrinos"

unanimemente os ídolos, tal como vos combatem" e "combatei-os até terminar a intriga, e prevalecer totalmente a religião de Deus". Os fanáticos consideram um mandamento divino estabelecer na Terra, não o Islã, mas a sua visão radical do Islã, repudiada pela imensa maioria dos muçulmanos.

Na mesma fatwa, Bin Laden confessa explicitamente seus laços com o Iraque de Saddam Hussein, ao acusar os EUA e aliados de apoiar

rem Israel: "A melhor prova disso é a ânsia para destruir o Iraque, a mais forte nação árabe". No texto, esta é apenas uma de várias menções enaltecedoras ao Iraque, feitas, sublinho, em 1998, quando a ditadura de Saddam estava de pé. Quando leio muita coisa na imprensa dizendo que não há provas da ligação da al-Qaeda com o regime de Saddam, meu sentimento é de constrangimento. Diante da confissão pública de Bin Laden na fatwa, eu digo: es-

crevem sobre o que não sabem. A decisão da ONU de ir à guerra contra o Iraque para obrigá-lo a sair do Kuwait, em 1991, e o bloqueio econômico posterior despertaram a ira de Bin Laden contra toda a coligação que cumpriu essa determinação, EUA à frente. Os inimigos somos nós. O mundo está em guerra contra fanáticos que querem impor a nós a sua ideologia. É o totalitarismo do século XXI, contra o qual devemos lutar. Os que pregam o apaziguamento — deixar o Iraque, deixar o Afeganistão, deixar os fanáticos em paz — são da mesma

estirpe dos que, nos anos 30, pregaram o apaziguamento com Hitler. O resultado é hoje História: Hitler se agigantou e, para derrotá-lo, o mundo perdeu milhões de vidas. Se essa visão de mundo persistir, não duvidemos: sofreremos tudo novamente. Os EUA e o Reino Unido estão certos: é preciso combater. Nós somos as vítimas, eles atacam primeiro.

ALI KAMEL é jornalista

Solução islâmica

Thomas Friedman

É profundamente preocupante que os atentados de Londres possam ter tido a participação de um homem-bomba, trazendo essa terrível arma jihadista para o coração de uma capital ocidental. Sociedades abertas dependem de confiança — da confiança de que a pessoa que está sentada a seu lado no ônibus não está vestida de dinamite. Os ataques também são profundamente preocupantes porque quando os jihadistas trazem sua loucura para dentro de nossas sociedades abertas, nossas sociedades nunca mais são tão abertas.

Mas talvez o mais importante aspecto dos ataques seja este: quando ataques jihadistas ocorrem em Riad, são um problema policial entre muçulmanos. Mas quando acontecem no metrô de Londres, tornam-se um problema civilizatório. Todo muçulmano vivendo numa sociedade ocidental subitamente se torna suspeito, uma bomba ambulante em potencial. E quando isso acontece, significa que os países ocidentais vão ficar tentados a reprimir ainda mais duramente suas próprias populações islâmicas.

Isso também seria profundamente preocupante. Quanto mais as sociedades ocidentais olharem para seus muçulmanos com suspeita, mais tensões internas serão criadas, e mais alienados ficarão os jovens muçulmanos. Isto é exatamente o que Osama bin Laden sonhava no 11 de Setembro: criar um grande fosso entre o mundo muçulmano e o Ocidente globalizante.

Então estamos num momento crítico. Temos de fazer todo o possível para limpar as fricções civilizatórias que possam ocorrer destes atentados. Mas não será fácil. Por quê? Porque, ao contrário do 11 de Setembro, não há um alvo óbvio para retaliar. A ameaça da al-Qaeda virou metástase e se tornou franquial, operando por meio de células e internet. E porque não há polícia suficiente para policiara cada abertura de uma sociedade aberta, ou o mundo muçulmano começa a atacar e denunciar seus extremistas de verdade, ou o Ocidente vai fazê-lo em seu lugar. E vai fazê-lo de uma maneira dura — simplesmente negando-lhes vistos e transformando cada muçulmano em seu meio em culpado até prova em contrário.

Isso seria um desastre, então é essencial que o mundo islâmico acorde para o fato de que abriga em seu meio um culto de morte jihadista. Se não combater esse culto — e somente o mundo islâmico pode fazê-lo — as relações entre o Ocidente e os muçulmanos em todos os lugares vão ser infeccionadas. A maior trava ao comportamento humano é o que uma cultura e uma religião considerem vergonhoso. É o que a aldeia muçulmana e seus líderes políticos e religiosos digam que é errado ou proibido. O mundo nunca será seguro enquanto a aldeia muçulmana e seus ancestrais não enfrentarem, deslegitimarem, condenarem e isolarem os extremistas em seu meio.

THOMAS FRIEDMAN é colunista do "New York Times"